

Português

Texto I

As coisas boas

Recebo e-mail de um jovem de 16 anos reclamando, num texto lúcido e bem escrito, de que sou pessimista. Pois escrevi na última coluna que “ninguém faz nada”, quando, segundo ele, eu deveria dar uma mensagem esperançosa a quem quer “mudar o mundo”. De alguma forma, isso me comoveu. Quase todos queremos melhorar o mundo na juventude, e é bom querer não ficar rançoso, amargo ou queixoso na idade adulta. Pior ainda, chato na velhice. Sou esperançosa e otimista, por isso mesmo não posso escrever apenas sobre coisas amenas, e infelizmente não tenho mensagem nem receita para o mundo melhorar. Pois eu sou apenas mais uma pessoa que de um lado se alegra, de outro se aflige. O número espantoso de leitores desta revista me dá uma sensação de comprometimento com a não-alienação. Escondendo a realidade é que não se vai poder mudar ou melhorar coisa nenhuma.

Acho nosso momento tristíssimo. Até jornais estrangeiros importantes, que em geral não nos dão bola, registram os fatos que andam ocorrendo no Senado e em outras instâncias solenes como “coroamento da corrupção brasileira”. A impressão que se tem, que eu tenho, é que ninguém anda fazendo grande coisa, ou pouca gente faz alguma coisa para melhorar. Escrever que “ninguém faz nada” é uma hipérbole literária, é como dizer, sem realmente querer dizer isso, ‘morri de ódio’. Acho, sim, que muitos responsáveis não fazem nada, ou fazem o mal: desviam ou aplicam de maneira irresponsável dinheiro destinado aos pobres, desprezam a educação e a cultura, cospem na saúde, enganam uma montanha (não, um verdadeiro Everest...) de gente que merecia coisa melhor.

Mas também vejo muita gente fazendo muita coisa positiva, gente querendo acertar, jovens ou velhos com esperança, pessoas espalhando o bem. Cada vez que um de nós é leal com alguém, faz uma coisa boa; cada vez que respeitamos o outro com suas diferenças, seus dramas e necessidades, fazemos uma coisa boa. Cada vez que somos decentes em vez de perversos, cada vez que cultivamos compreensão e respeito em lugar de rancor, cada vez que somos carinhosos, alegres, solidários, fazemos coisas muito boas.

Cada vez que um jovem estuda, trabalha, e se constrói como pessoa produtiva e positiva, faz algo muito bom. Cada vez que um pai presta atenção no filho, cada vez que uma mãe é dedicada sem depois cobrar isso, fazemos uma coisa boa. Cada vez que alguém fuma seu último cigarro, bebe seu derradeiro copo, cheira sua ultimíssima carreirinha e dá o primeiro passo numa nova vida, faz uma coisa maravilhosa. Sempre que alguém recusa uma baforada de maconha, negando-se a homenagear os traficantes que amanhã vão matar seu filho ou trucidar seu amigo, está fazendo uma coisa muito boa.

Quando olhamos uma árvore na beira da estrada, a luz do sol num gramado, a chuva na vidraça, a criança observando um besouro, um bebê dormindo, um velho rodeado pelos filhos, estamos fazendo uma coisa muito boa; cada professor mal pago que atende com dedicação seus alunos, cada médico de uma saúde pública apodrecida que cuida com humanidade de seus doentes faz uma coisa boa. Sempre que uma mulher aproxima os filhos do pai mostrando que ele é um ser humano, está

fazendo uma coisa boa; cada filho que abraça o pai que já não o pode sustentar faz uma coisa boa. O político que rema contra a correnteza permanecendo honrado faz uma coisa muito boa.

Fazem-se muitas coisas boas neste mundo, e por isso ainda não nos matamos. Por isso ainda estamos abertos ao belo, ao bom, ao bom e ao outro. Por isso vale a pena viver. Mas, sinto muito, o ser humano é um animal predador: o desejo de destruir e arruinar coexiste em todos nós com a bondade, a decência, a dignidade. Que fazer? Somos assim. Se pudermos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva! As coisas não estarão perdidas, a amargura não vai nos dominar, a sombra acabará fugindo da claridade, e continuaremos sendo, mais que feras, humanos. Mesmo quando alguém escreve sobre as realidades menos bonitas, elas não precisam prevalecer. E muita gente continuará fazendo muita coisa boa, aos 16 anos, aos 68 ou aos 86.

(Luft, Lya. Revista Veja.19/12/2007. Texto adaptado.)

01. O Texto I deve ser interpretado como um texto:

- Descritivo: apresenta detalhes sobre o tópico - as coisas boas da vida.
- Injuntivo: exemplos são apresentados a fim de esclarecer a seqüência de boas ações.
- Narrativo: pode-se identificar o relato de uma seqüência de fatos.
- Argumentativo: apresenta estratégias convincentes e impõe os bons hábitos de conduta.
- Opinativo: pode-se perceber um tema em torno do qual o texto se desenvolve.

02. Do ponto de vista temático do texto I, pode-se afirmar que:

- A autora preocupa-se com os problemas atuais, porém privilegia o bem-estar do leitor, polpando-o dessa realidade.
- Há um predomínio pessimista em toda a composição do texto por parte da autora, que só acredita no poder de mudança da juventude.
- A autora apresenta-se comprometida com a realidade do mundo no qual vive, por isso mostra a dicotomia desta.
- Para a autora, uma das formas de esquecer os males da realidade – como uma profissional das letras - é atenuá-los através da escrita.
- Segundo a autora, só a juventude – sempre otimista e esperançosa – poderá romper essa visão cética da realidade.

03. No que concerne à linguagem utilizada no texto I, analise as afirmações a seguir:

- A autora utilizou recursos lingüísticos predominantemente técnicos, sem expressões subjetivas.
- Ao utilizar-se de uma linguagem apurada, a autora facilitou a compreensão textual.
- A autora empregou uma linguagem hermética, peculiar ao tipo de texto escrito, cuja inteligência requer um leitor exigente.
- Apesar de a linguagem ser conotativa, as palavras selecionadas são acessíveis, típicas ao gênero do texto.

Estão **incorretas**:

- a) I, II, e III apenas.
- b) II e IV apenas.
- c) II, III e IV apenas.
- d) I e III apenas.
- e) I, II, III e IV.

04. No fragmento: “Mas também vejo muita gente fazendo muita coisa positiva, gente querendo acertar, jovens ou velhos com esperança, pessoas espalhando o bem.”, o conectivo grifado expressa uma relação de:

- a) explicação
- b) conclusão
- c) conseqüência
- d) oposição
- e) adição

05. No trecho: “Pois eu sou apenas mais uma pessoa que de um lado se alegra, de outro se aflige.”, o termo sublinhado é um pronome relativo. Assinale a alternativa cujo ‘que’ **difere** da classificação acima.

- a) “... os fatos que andam ocorrendo no Senado e em outras instâncias solenes...”
- b) “A impressão que se tem, que eu tenho...”
- c) “... homenagear os traficantes que amanhã vão matar seu filho ou trucidar seu amigo...”
- d) “Acho, sim, que muitos responsáveis não fazem nada, ou fazem o mal...”
- e) “... cada professor mal pago que atende com dedicação seus alunos...”

06. Em relação aos recursos lingüísticos utilizados no texto I, assinale a alternativa correta.

- a) No trecho: “Mas, sinto muito, o ser humano é um animal predador: o desejo de destruir e arruinar coexiste em todos nós com a bondade, a decência, a dignidade.”, os termos grifados indicam a inclusão da autora e do leitor no texto.
- b) No trecho: “Sou esperançosa e otimista, por isso mesmo não posso escrever apenas sobre coisas amenas...”, o termo destacado possui o mesmo valor semântico de ‘rebuscadas’.
- c) No trecho: “Cada vez que um jovem estuda, trabalha, e se constrói como pessoa produtiva e positiva, faz algo muito bom. Cada vez que um pai presta atenção no filho, cada vez que uma mãe é dedicada sem depois cobrar isso, fazem uma coisa boa. Cada vez que alguém fuma seu último cigarro...”, a repetição da expressão pronominal, embora enfática, é considerada um descuido da autora.
- d) No excerto: “Recebo e-mail de um jovem de 16 anos reclamando, num texto lúcido e bem escrito, de que sou pessimista. Pois escrevi na última coluna que “ninguém faz nada”, quando, segundo ele, eu deveria dar uma mensagem esperançosa a quem quer “mudar o mundo”. De alguma forma, isso me comoveu.”, os elementos em destaque coincidem acerca da classificação morfológica, mas quanto à função, este retoma o já dito; aquele determina o nome.
- e) No trecho: “Fazem-se muitas coisas boas neste mundo, e por isso ainda não nos matamos.”, a partícula ‘se’ foi utilizada para indeterminar o

agente verbal da oração e o pronome ‘nos’ posiciona-se de forma proclítica.

07. Leia o trecho seguinte: “Sempre que alguém recusa uma baforada de maconha, negando-se a homenagear os traficantes que amanhã vão matar seu filho ou trucidar seu amigo, está fazendo uma coisa muito boa.”

O emprego da preposição é devido à regência do verbo. Analise os enunciados seguintes e identifique aquele que também está correto quanto à regência.

- 1) É a praticidade das coisas boas, de que o homem depende para o seu bem-estar.
- 2) É a praticidade das coisas boas, de que o homem se refere para o seu bem-estar.
- 3) É a praticidade das coisas boas, a que o homem deve estar imerso para o seu bem-estar.
- 4) É a praticidade das coisas boas, com que o homem deve estar sujeito para o seu bem-estar.

Estão corretas:

- a) II e III apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II, III e IV apenas.
- d) I, III e IV apenas.
- e) I, II, III e IV.

08. O fragmento: “Se pudermos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!”, pode ser reescrito mantendo-se o mesmo sentido na alternativa:

- a) Contanto que poçamos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!
- b) Mesmo que poçamos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!
- c) Já que poçamos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!
- d) Para que poçamos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!
- e) Assim que pudermos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva!

09. Analise as idéias apresentadas a seguir e assinale a alternativa correta:

- a) No fragmento: “De alguma forma, isso me comoveu.”, o termo circunstancial em destaque incide sobre ‘isso’, modificando-lhe o sentido.
- b) No trecho: “... desprezam a educação e a cultura, cospem na saúde, enganam uma montanha...”, os verbos destacados exigem o mesmo tipo de complemento.
- c) No trecho: “Quando olhamos uma árvore na beira da estrada, a luz do sol num gramado, a chuva na vidraça...”, o uso das vírgulas indica um esclarecimento, ou seja, isola o aposto.
- d) No fragmento: “... cada médico de uma saúde pública apodrecida que cuida com humanidade de seus doentes faz uma coisa boa.”, as expressões grifadas exercem, no contexto, a mesma função sintática.
- e) Nas orações: “ninguém faz nada” e “... muitos responsáveis não fazem nada...”, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática.

10. Os usos formais do português ditam certas normas para a concordância do verbo com o sujeito. Identifique a alternativa que está inteiramente de acordo com essas normas.

- a) Para conseguir realizar-se como humano, cada um de nós precisa fazer coisas boas.
- b) Para conseguir realizar-se como humano, cada um dos interessados na situação devem fazer coisas boas.
- c) O resultado de práticas habituais de fazer o bem, tornam-nos mais humanos.
- d) Não falta, nas diversas situações cotidianas, momentos para expressarmos as coisas boas.
- e) Foi apresentado, em todo o texto, de diferentes formas, exemplos no cotidiano de coisas boas.

Conhecimentos Pedagógicos

11. Marque a alternativa incorreta sobre a prática pedagógica utilizada por professores onde cria situações que favoreçam ao aluno:

- a) Compreensão do planejamento como sistematizador das situações de ensino que concretizam as intenções explicitadas no projeto pedagógico/currículo.
- b) Reconhecimento da necessidade de formalização das decisões do planejamento no plano didático.
- c) Planejamento de situações de ensino para diferentes contextos.
- d) Planejamento de situações de ensino para diferentes níveis e modalidades.
- e) Planejamento de situações de ensino para diferentes tipos de crianças diferenciando por etnias e classes sociais.

12. De acordo com Art. 3º da LDB marque a alternativa incorreta onde fala que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- a) Garantia de padrão de qualidade
- b) Valorização da experiência extra-escolar
- c) Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais
- d) Desvalorização do profissional da educação escolar
- e) Respeito à liberdade e apreço à tolerância

13. Marque a alternativa incorreta sobre a organização da educação Nacional, Art. 9º A União incumbir-se-á de:

- a) Elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.
- b) Organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios.
- c) Não tem a responsabilidade de coletar, analisar e disseminar informações sobre a educação.
- d) Baixar normas gerais sobre cursos de graduação e pós-graduação.
- e) Prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade

obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva.

14. Sobre o Ensino Fundamental marque V para afirmativa(s) verdadeira(s) e F para falsa(s):

- () Ensino fundamental é uma das etapas da educação básica no Brasil. Tem duração de nove anos, sendo a matrícula obrigatória para todas as crianças com idade entre seis e 14 anos.
- () A obrigatoriedade da matrícula nessa faixa etária implica na responsabilidade conjunta: dos pais ou responsáveis, pela matrícula dos filhos; do Estado pela garantia de vagas nas escolas públicas; da sociedade, por fazer valer a própria obrigatoriedade.
- () Regulamentado por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, sua origem remonta ao *Ensino de Primeiro Grau*, que promoveu a fusão dos antigos curso primário (com quatro a cinco anos de duração), e do curso ginásial, com quatro anos de duração, este último considerado, até 1971, ensino secundário.

A seqüência correta é:

- a) V – V – V
- b) F – V – F
- c) V – F – F
- d) F – F – F
- e) F – V – V

15. Julgue as afirmativas abaixo sobre o ensino fundamental no Brasil:

- I. A duração obrigatória do Ensino Fundamental foi ampliada de oito para nove anos pelo Projeto de Lei nº. 3.675/04, passando a abranger a Classe de Alfabetização (fase anterior à 1ª série, com matrícula obrigatória aos seis anos) que, até então, não fazia parte do ciclo obrigatório (a alfabetização na rede pública e em parte da rede particular era realizada normalmente na 1ª série).
- II. O ensino fundamental possui uma desorganização convencional que acaba caracterizando-o em três ciclos. O primeiro que corresponde aos primeiros cinco anos (chamados anos iniciais do ensino fundamental) é desenvolvido, usualmente, em classes com um único professor regente.
- III. Nos primeiros anos, as crianças e adolescentes são estimulados através de atividades lúdicas, jogos, leituras, imagens e sons, principalmente no primeiro nível. Através dos vários processos pedagógicos, busca-se conduzir a criança ao conhecimento do mundo pessoal, familiar e social.

Está (estão) correta (s):

- a) Apenas I
- b) Apenas II e III
- c) Apenas I e III
- d) Apenas a III
- e) Todas estão corretas

16. Marque a alternativa incorreta sobre o estatuto da criança e do adolescente:

- a) Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.
- b) A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei
- c) Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.
- d) A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.
- e) Toda criança ou adolescente não tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada à convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

17. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. De acordo com Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos abaixo, exceto um:

- a) Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais.
- b) Não tem o direito de buscar refúgio, auxílio e orientação.
- c) Brincar, praticar esportes e divertir-se.
- d) Participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação.
- e) Participar da vida política, na forma da lei.

18. Marque a alternativa incorreta sobre a concepção de um projeto pedagógico que deve apresentar características tais como:

- a) Ser processo participativo de decisões.
- b) Preocupar-se em instaurar uma forma de organização de trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições.
- c) Explicitar princípios baseados na autonomia da escola, na solidariedade entre os agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo.
- d) Não conter opções explícitas na direção de superar problemas no decorrer do trabalho educativo sem voltar para uma realidade específica.
- e) Explicitar o compromisso com a formação do cidadão.

19. Sobre o ensino e a aprendizagem marque a alternativa incorreta:

- a) Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Aprender é o resultado

da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente.

- b) Quando a educação não é construída pelo sujeito da aprendizagem, no cenário escolar prevalecem a resignificação dos sujeitos, novas coreografias, novas formas de comunicação e a construção de novas habilidades, descaracterizando competências e atitudes insignificativas.
- c) A Educação como interatividade contempla tempos e espaços novos, diálogo problematização e produção própria dos educandos. O professor exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem. E mediar é intervir para promover mudanças.
- d) A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.
- e) O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

20. É uma expressão, derivada da pedagogia proposta por Paulo Freire, que resume muitas das suas idéias em relação à educação das massas populares. Sendo uma pedagogia muito influenciada pela ideologia socialista, define-se como a educação feita com o povo e para o povo, respeitando e interagindo com sua realidade sócio-econômica. É chamado:

- a) Educação popular
- b) Projeto educacional
- c) Prática pedagógica
- d) Currículo escolar
- e) Inovação tecnológica

Conhecimentos Específicos

Texto I

O mito dos 10% do cérebro

Quanto do seu cérebro você usa? E da sua capacidade? E do seu potencial?

Quem já não ouviu essa frase: "Usamos apenas 10% do cérebro"? Em 1999, quando passei a trabalhar em divulgação científica, quis começar investigando o que o público conhecia e pensava sobre o cérebro. Numa pesquisa chamada "Você conhece seu cérebro?", perguntei a 2 mil cariocas, entre outras coisas, se eles concordavam com a célebre frase. A metade concordou. Fiz a mesma pergunta a 35 neurocientistas, e a frase foi prontamente recusada. A razão? Essa história de usar 10% do cérebro nada mais é do que um mito.

Vamos deixar claro logo no começo: não há qualquer razão científica para supor que usamos 10% do nosso cérebro. Nem 10% dos nossos neurônios. Nem 10% da nossa capacidade. Todas as evidências sugerem o contrário: usamos nosso cérebro inteiro. Os 10% ficam por conta da imaginação de quem conseguiu convencer quase

metade da população do Rio de Janeiro a aceitar esse mito.

É verdade que, à primeira vista, a idéia de usar somente 10% do cérebro parece muito convidativa. Usando apenas 10% do cérebro, teríamos 90% de reserva, e se conseguíssemos aprender a usar esse “potencial” poderíamos ficar dez vezes mais inteligentes, memorizar dez vezes mais fatos, fazer contas dez vezes mais rápido... Só que não é assim.

O pior é que as conseqüências são graves. Quem acredita que 90% do seu cérebro são dispensáveis não tem por que evitar choques na cabeça, usando capacete na motocicleta ou cinto de segurança no carro. Quem não sabe que usa seu cérebro inteiro a todo momento ainda não faz idéia da maravilha que tem dentro da cabeça.(...)

Em princípio, há várias maneiras de usar só 10% do cérebro: usando 10% da massa cerebral, 10% dos neurônios, ou 10% do potencial... Mas não importa: em qualquer um dos três casos, toda a ciência aponta para o contrário. Se são 10% da massa cerebral, 90% do que temos dentro da cabeça deveriam então ser dispensáveis. E, no entanto, lesões do cérebro humano, mesmo pequenas, podem ter conseqüências graves para o intelecto e o comportamento. Se são 10% dos neurônios, os outros 90% deveriam ser silenciosos, ou então redundantes, servindo só como “reservas”. Mas é possível “escutar” as células nervosas em atividade, e em sua maioria elas estão ativas e respondem por algum aspecto do mundo ou do comportamento. E se são 10% da capacidade de desenvolvimento intelectual... será que alguém sabe o que seriam os 100%?

Uma dificuldade para aceitar que usamos 100% do cérebro pode ser a pergunta inevitável de quem estava convencido do contrário: se tudo é usado, como então é possível desenvolver nossas habilidades? A resposta está na mais maravilhosa e característica propriedade do sistema nervoso: a capacidade de fazer novas combinações entre seus elementos, e de mudar a eficiência das conexões – as sinapses – já existentes. Quando a eficiência aumenta, a conexão entre dois neurônios fica “fortalecida”; quando diminui, a conexão fica “enfraquecida”. Além do mais, nenhuma conexão é fixa; uma conexão enfraquecida demais pode ser eliminada, e uma nova pode ser feita em outro lugar, com outro neurônio. Fortalecer essas novas conexões, estabilizando-as, é uma maneira de criar novas associações. Os neurocientistas hoje estão convencidos de que é essa a base do aprendizado. Como sempre se pode tirar uma conexão daqui e criar outra ali, será sempre possível fazer mais uma combinação, mais uma associação entre neurônios, e aprender mais alguma coisa. (...)

Outubro de 2000

(Herculano-Houzel, Suzana. *O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002. pág. 23 – 25)

21. Pelo entendimento do texto I, a tese defendida pelo autor é de que:

- O convencimento de que usamos 100% do cérebro torna-se inaceitável devido à desenvoltura de novas competências.
- Não há veracidade ao se afirmar que utilizamos apenas 10% do cérebro.
- O fato de usufruirmos só de uma pequena parcela do cérebro, torna-nos aptos a desenvolvermos inúmeras habilidades.

- O uso de 10% do cérebro implica, implicitamente, o fortalecimento de conexões já inerentes.
- Para um bom desempenho do cérebro, deveríamos atenuar as pesquisas feitas pelos neurocientistas.

22. Pode-se afirmar, após a compreensão do texto I, que um argumento contundente para defender a tese encontra-se na alternativa:

- 90% do cérebro não são dispensáveis, tanto que pequenas lesões podem ter conseqüências gravíssimas para o indivíduo.
- Ao retirar um elo de um lugar para o outro, pode-se construir encaminhamentos para novas realidades do saber.
- A ineficiência da comunicação ocorre por causa de desconexões do sistema nervoso.
- Há uma significativa reserva de neurônios nomeados como silenciosos, porém eficazes no tocante ao conhecimento adquirido.
- A percepção ilimitada de mudanças comportamentais ou oriundas do meio.

23. No trecho: “E, no entanto, lesões do cérebro humano, mesmo pequenas, podem ter conseqüências graves para o intelecto e o comportamento.” O termo sublinhado estabelece, no contexto, uma circunstância de:

- concessão
- conformidade
- causalidade
- explicação
- restrição

24. No que se refere à linguagem utilizada no texto I, analise as alternativas abaixo e assinale a **incorreta**.

- No segmento: “... poderíamos ficar dez vezes mais inteligentes, memorizar dez vezes mais fatos, fazer contas dez vezes mais rápido...”, a repetição foi utilizada pelo autor de forma enfática.
- No trecho: “Além do mais, nenhuma conexão é fixa”. O termo grifado indica uma relação de adição.
- No trecho: “... Só que não é assim.” (final do terceiro parágrafo), o termo destacado remete ao argumento anterior.
- No trecho: “Em princípio, há várias maneiras de usar só 10% do cérebro: usando 10% da massa cerebral, 10% dos neurônios, ou 10% do potencial...”, a expressão grifada pode ser substituída por ‘a princípio’ sem prejuízo semântico.
- Nos fragmentos: “Se são 10% da massa cerebral...” e “se tudo é usado”, os elementos em destaque possuem a mesma função morfológica e semântica.

25. No trecho: “Em princípio, há várias maneiras de usar só 10% do cérebro: usando 10% da massa cerebral, 10% dos neurônios, ou 10% do potencial...”, os dois-pontos têm a função de introduzir, no contexto:

- Comentário à parte, de outro interlocutor.
- Especificação enumerativa de dados.
- Segmento explicativo da afirmativa anterior.
- Transcrição precisa de um conceito científico.
- Repetição enfática do mesmo sentido.

26. No fragmento: “Uma dificuldade para aceitar que usamos 100% do cérebro pode ser a pergunta inevitável de quem estava convencido...”, o prefixo do vocábulo em destaque indica negação, o que também ocorre em:

- a) importe
- b) inserir
- c) imberbe
- d) irromper
- e) irradiar

27. Em: “Fiz a mesma pergunta a 35 neurocientistas, e a frase foi prontamente recusada.”, o termo sublinhado é um radical grego que significa ‘nervo’. Assinale a alternativa cujo significado do radical não procede.

- a) onfalite (umbigo)
- b) dispnéia (respiração)
- c) nefelibata (nobre)
- d) omófago (cru)
- e) xenofobia (estrangeiro)

Texto II

LADAINHA

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, ócio dourado.
O cérebro eletrônico, o músculo
mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O de metal não tornará o homem
mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-
corporal?

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.

Ó máquina, orai por nós.

Cassiano Ricardo

28. Analise as afirmações relacionadas ao texto II.

- I. O eu - lírico utiliza, através de questionamentos, o recurso sutil da ironia.
- II. O poeta, ao dividir o vocábulo “extra-corporal”, enfatiza o que é próprio do corpo, insinuando o poder da máquina.
- III. A seqüência de orações interrogativas da terceira estrofe retoma, atenuadamente, o título do poema.
- IV. No final do poema, o autor explicita suplicamente o domínio da máquina.

Estão corretas:

- a) I e III apenas.
- b) II e IV apenas.
- c) II, III e IV apenas.
- d) I, II, III e IV.
- e) I, II e IV apenas.

29. No verso: “Por que labutar no campo, na cidade?”, o termo destacado poderá ser substituído sem alteração semântica por:

- a) refluir
- b) laborar
- c) refutar
- d) borbotar
- e) bracejar

30. No verso: “... mais fáceis que um sorriso.”, o elemento destacado firma uma relação de:

- a) restrição
- b) finalidade
- c) conseqüência
- d) comparação
- e) intensidade

Texto III

Falso mar, falso mundo

O mundo anda cada vez mais complicado, o que não é bom. O nosso frágil corpo humano não foi feito para competir com a máquina, conviver com a máquina e explorá-la. A cada adiantamento técnico-científico, o conflito fica mais duro para o nosso lado. A massificação da vida cotidiana, por exemplo. (...)

Viajar de avião — quem não tem medo adora. Por mim, detesto. Não tenho medo, mas também não acho agradável a idéia de que estamos todos nós ali, arrumadinhos, em filas simétricas, dentro daquela lata voadora... Um menino que estudava ciências me explicou que o vôo dos aviões a jato era comandado pelas leis da balística: o motor funciona como uma pistola automática que constantemente estivesse disparando. O vôo é mantido pela explosão contínua do jato, como a bala é impulsionada pela explosão da pólvora. O avião não pode cair enquanto o jato estiver mandando o seu impulso. (Estaria o menino certo? Tinha só doze anos!) . Mas, de qualquer forma, me senti segura e tranquilizei os medrosos: todos sabemos que uma bala jamais cai a meio do caminho antes de chegar ao seu ponto de alcance. Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa, debulhando secretamente o seu terço; essa ficou até pior, dizendo que a coisa de que tinha mais medo era de tiro, e a gente, então, era voada por tiro? Puxou pra fora o terço e eu nunca mais tentei tranquilizar ninguém em avião.

Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou como prova de que, a cada dia, mais renunciamos às nossas prerrogativas de seres vivos e nos tornamos robotizados. Foi a “Praia Artificial” no Japão (logo no Japão, arquipélago penetrado e cercado de mar por todos os lados!). É um galpão imenso, maior do que qualquer aeroporto, coberto por uma espécie de cúpula oblonga, de plástico. (...) Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico está um mar, com a sua praia. Mar que, na tela, aparece bem azul com ondas de verdade, coroadas de espuma branca; ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam.

É um falso sol, de luz e calor graduáveis; e a praia é de areia composta por pedrinhas de mármore, a cujo contato algumas moças de biquíni se queixavam de que dóia um pouco. “Mas valia a pena.”(...)

(...) Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem. Mas fingir as ondas, falsificar um sol bronzeando, de trinta e cinco graus, e toda aquela gente se deitando com a simulação, e depois voltando para a rua vestida nos seus casacos! Me deu pena, horror, sei lá. (...)

(Raquel de Queiroz)

31. Analise as idéias apresentadas a seguir.

- I. Há, no texto, marcas da função conativa como ocorre em ‘nosso’, ‘mim’, ‘tentei’.
- II. A autora utiliza literalmente a expressão ‘lata voadora’ para indicar depreciação, desprezo.
- III. Há, nos 2º e 3º parágrafos, uma apresentação de diferentes situações que exemplificam e comprovam o exposto no 1º parágrafo.
- IV. No trecho: “Me deu pena, horror, sei lá.”, a autora recorre a expressões típicas da oralidade, expondo sua subjetividade, despreocupada em atender à norma culta.

São condizentes com o Texto III apenas:

- a) II e IV.
- b) I, III e IV.
- c) I e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

32. No trecho: “A máquina o fará por nós.” (texto II), poderá ser exemplificada no texto III por:

- a) “... uma bala jamais cai a meio do caminho antes de chegar ao seu ponto de alcance.”
- b) “O mundo anda cada vez mais complicado, o que não é bom.”
- c) “A massificação da vida cotidiana, por exemplo.”
- d) “Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa...”
- e) “Mas fingir as ondas...”

33. No trecho: “O mundo anda cada vez mais complicado, o que não é bom.”, o elemento sublinhado difere do destacado na alternativa:

- a) “Um menino que estudava ciências me explicou...”
- b) “... todos sabemos que uma bala jamais cai a meio do caminho...”
- c) “Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa...”
- d) “Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou...”
- e) “... ondas que chegam a derrubar as pessoas...”

34. No fragmento: “... essa ficou até pior, dizendo que a coisa de que tinha mais medo era de tiro...”, a expressão grifada preenche corretamente a lacuna da frase:

- a) As máquinas se referiam alguns técnicos, estavam substituindo o trabalho braçal de centenas de trabalhadores.
- b) Durante muitas décadas, o uso de máquinas para o trabalho todos sonhavam, eram esperadas para uma mudança significativamente econômica.

- c) Nem sempre os equipamentos.....dispõem as empresas são suficientes para descartarem o trabalho humano de uma forma tão rápida.
- d) Havia ainda, naquela época, muitos incentivos financeiros..... a ciência tecnológica pudesse desenvolver-se, como previam os empresários.
- e) É necessário considerar-se..... as expectativas tecnológicas foram o grande passo para um desenvolvimento eficaz e moderno.

35. O verbo entre parênteses deverá flexionar-se numa forma de plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

- a) Não constar, naquela época de indecisões e incertezas, qualquer tipo de investimento na área tecnológica. (dever)
- b) O investimento para a área tecnológica e para as grandes fábricas um novo rumo para a economia nacional. (abrir)
- c) nos planos dos senhores empresários, que se apresentam muito otimistas, um forte investimento para o crescimento tecnológico. (estar)
- d) Para uma revolução no comércio, conforme as novas perspectivas,..... Pde concorrer, ainda neste mês, várias empresas especializadas. (haver)
- e) São muitos os investidores a quem convencer uma proposta revolucionária e rendosa para uma elite cada vez mais limitada. (poder)

36. As normas da concordância verbal estão plenamente respeitadas em:

- a) Uma boa parte dos investimentos provém, segundo os dados recentemente divulgados, de verbas fornecidas por empresários comprometidos com a causa.
- b) Seria da responsabilidade dos governantes estaduais certos investimentos do setor tecnológico, para que haja um satisfatório crescimento regional.
- c) Não houvessem investidores presentes na reunião, teríamos, mais uma vez, todo o projeto de implantação das máquinas adiado.
- d) Para muitos empresários, não deixa de fazer sentido as pesquisas realizadas por profissionais renomados e dispostos a investir nessa área.
- e) Todo aquele que, investindo em projetos de novas tecnologias naquela região serrana, conseguirão redução no imposto.

37. Analise os excertos a seguir e assinale a alternativa que atende corretamente às normas gramaticais da pontuação.

- a) Em: “A cada adiantamento técnico-científico, o conflito fica mais duro para o nosso lado.”, o emprego da vírgula foi utilizado para separar a oração subordinada temporal deslocada.
- b) Em: “Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa, *debulhando secretamente o seu terço*; essa ficou até pior...”, o ponto e vírgula poderá, nesse contexto, ser substituído por dois pontos corretamente.
- c) Em: “ Mas nesta semana vi na TV uma reportagem que me horrorizou como prova de que, a cada dia, mais renunciamos às nossas

- prerrogativa...*”, o uso das vírgulas isola um aposto.
- d) Em: “... e a gente, então, era voada por tiro?”, nesse caso, as vírgulas isolam um termo retificativo.
- e) Em: “Só uma senhora gorda, que mantinha a mão enfiada na bolsa, debulhando secretamente o seu terço...”, as vírgulas, ao serem retiradas, provocariam uma mudança de sentido ao contexto apresentado.

38. Observe os comentários a seguir e assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Em: “... ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam...”, o termo grifado exerce, no contexto, a função de agente verbal.
- b) Ainda em: “... ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens atletas surfam e rebolam...”, os verbos destacados possuem a mesma transitividade.
- c) Em: “... não acho agradável a idéia de que estamos todos nós ali...” e “algumas moças de biquíni se queixavam de que doía um pouco...”, os termos destacados exercem a mesma função sintática.
- d) Em: “Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem...”, o conectivo em destaque exerce uma função hipotética.
- e) Em: “É um galpão imenso...” e “Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico...”, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática.

39. No trecho: “Não tenho medo, mas também não acho agradável a idéia de que estamos todos nós ali...”, o conectivo em destaque possui o mesmo sentido de:

- a) ainda que
b) como também
c) assim
d) pois
e) todavia

40. No fragmento: “Mas, de qualquer forma, me senti segura e tranqüilizei os medrosos...”, o verbo grifado exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado na frase:

- a) “Se fosse uma honesta piscina de água morna, tudo bem...”
- b) “... e depois voltando para a rua vestida nos seus casacos!”
- c) “... mais renunciamos às nossas prerrogativas de seres vivos e nos tornamos robotizados.”
- d) “...ondas que chegam a derrubar as pessoas e sobre as quais jovens...”
- e) “Pois que debaixo daquele imenso teto de plástico está um mar...”

FIM DO CADERNO